

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROGRAMAS DE COLÔNIAS DE FÉRIAS TEMÁTICAS EM DIFERENTES CONTEXTOS: O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Recebido em: 18/05/2018

Aceito em: 10/02/2019

*Silvio Ricardo da Silva*¹
*Natascha Stephanie Nunes Abade*²
*Joyce Nancy da Silva Corrêa*³
*Ranucy Marçal da Cruz*⁴
*Poliana Ribeiro Bretas*⁵
*Luciano Pereira da Silva*⁶

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: O trabalho em Colônias de Férias, talvez seja um dos espaços de maior atuação profissional, para nós, envolvidos com a Educação Física e com a área do lazer. Partindo disso, fizemos um relato com reflexões teóricas da experiência do projeto denominado Colônia de Férias no Campus (CFC) organizado pelo grupo PET – Educação Física e Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nosso intuito foi buscar refletir acerca do processo de gestão e desenvolvimento do projeto, desejando que outros locais, se sintam estimulados a realizarem seus próprios percursos e materializem novas experiências de trabalhos envolvendo o tema. Percebe-se que o trabalho coletivo de elaboração da programação e execução do projeto tem sido um rico espaço de aprendizado para formação e atuação dos alunos da graduação que participam como animadores e um momento de intervenção com diversas experiências culturais para as crianças da CFC.

PALAVRAS CHAVE: Colônia de Férias. Gestão. Formação.

¹ Professor Titular da EEEFTO/UFMG. Pertence ao grupo de pesquisa GEFUT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida). Ex tutor do grupo PET – Educação Física e Lazer.

² Mestre em Estudos do Lazer pela UFMG. Bacharel em Educação Física pela UFMG. Licenciada pelo Centro Universitário Claretiano. Ex-bolsista MEC/SESU do PET – Educação Física e Lazer.

³ Mestranda em Estudos do Lazer pela UFMG. Licenciada em Educação Física pela UFMG. Ex-bolsista MEC/SESU do PET – Educação Física e Lazer.

⁴ Mestranda em Educação, Conhecimento e Inclusão Social pela UFMG. Licenciada e Bacharel em Educação Física pela UFMG. Ex-bolsista MEC/SESU do PET – Educação Física e Lazer.

⁵ Licenciada em Educação Física pela UFMG. Ex-bolsista MEC/SESU do PET – Educação Física e Lazer.

⁶ Professor da EEEFTO/UFMG. Atual tutor do grupo PET – Educação Física e Lazer. Pertence ao grupo de pesquisa POLIS (Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer).

**VACATION CAMPS PROGRAMMES MANAGEMENT AND DEVELOPMENT
IN DIFFERENT CONTEXTS: THE CASE OF THE FEDERAL UNIVERSITY
OF MINAS GERAIS**

ABSTRACT: Vacations camps are one of the most important professional practice fields for those professionals involved in the area of Physical Education and leisure. With this in mind, we made a report containing theoretical reflections based on the experience of the Vacation Camp in Campus (CFC) project, which is organized by a group called "PET – Physical Education and Leisure", from the Federal University of Minas Gerais. Our intention was to raise reflections regarding the project management and development process, aiming to stimulate other groups to make their own path and create new experiences within this area. We noticed that the teamwork involved in the project elaboration and implementation is a valuable learning experience for undergraduate students since they have the opportunity to participate as an animator in an intervention made of several cultural experiences.

KEYWORDS: Vacation Camp. Management. Professional Development.

Introdução

O trabalho em Colônias de Férias, talvez seja um dos espaços, de maior atuação profissional, para nós, envolvidos com a Educação Física e com a área do lazer. Essa atuação acontece de uma maneira geral quando os estudantes estão imersos em seus cursos de formação profissional. Pela nossa experiência, após esse período de formação, há um afastamento desse campo de atuação, e apenas poucos retomam o trabalho em colônia de férias, atuando preponderantemente com a gestão, e repetindo os modelos aos quais foram submetidos quando do momento das suas respectivas atuações como monitores. Por que isso acontece? Quais são os tipos de formação oferecidos nos cursos envolvidos com esse campo de trabalho? Há outras perspectivas para formação e atuação em colônia de férias? Essas e outras, não são questões simples de responder, todavia o debate e a reflexão sobre esses pontos precisam ser estimulados e essa é a nossa tentativa com o texto que segue.

Para tanto, fizemos um relato da experiência acumulada pelo grupo PET – Educação Física e Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com a organização, execução e avaliação de 15 edições de um projeto de extensão denominado Colônia de Férias no Campus, buscando refletir acerca desse processo, no contexto específico que é a Universidade, desejando que outros cursos, em outras Instituições de Ensino Superior, se sintam estimulados a realizarem seus próprios percursos e materializem novas experiências de trabalhos envolvendo a área de lazer e mais especificamente, as colônias de férias.

O grupo PET – Educação Física e Lazer foi implantado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG com o objetivo de integrar ações de ensino, pesquisa e extensão na Universidade. Desde o surgimento do grupo, em 2003, eram desenvolvidas ações de ensino, pesquisa e extensão relacionando o lazer e a Educação Física pelos participantes do PET em diversos projetos. Contudo, internamente, havia um desejo de um projeto de extensão, mais amplo. No ano de 2009, o grupo, de maneira coletiva, iniciou um dos projetos mais significativo: A Colônia de Férias no Campus (CFC) da UFMG, que tem como objetivos interligar as ações de ensino, pesquisa e extensão do programa; democratizar as atividades de lazer; ampliar o universo cultural dos participantes; possibilitar experiências no processo de formação dos atores envolvidos na atuação; além de fomentar ações interdisciplinares na área.

A criação da CFC pelo PET atendeu, entre outras, a demanda do grupo em coordenar um projeto de extensão na área do lazer que dialogasse com a sociedade e que superasse o modelo de “pacotão de atividades”, que oferece, quase que somente, diversão e entretenimento para os participantes de Colônias de Férias.

Com a criação da CFC tivemos a responsabilidade de dar um retorno à sociedade dos estudos que desde 2003 ocorriam no grupo. Assim, através da CFC, a UFMG vem cumprindo um papel importante na superação de várias barreiras que impedem o acesso ao lazer. Enquanto instituição produtora do conhecimento, a Universidade através da extensão universitária, apresenta potencialidades não apenas de sensibilizar estudantes, professores e o pessoal técnico-administrativo para os problemas sociais. Também promove a formação técnica e teórica desses atores, tornando-os, assim, mais capazes de oferecer subsídios aos gestores na elaboração das políticas públicas; além de prepará-los para desenhar, implementar e avaliar essas políticas, caso venham a ocupar algum cargo de gestão.

Diante deste cenário, conseguimos introduzir no projeto da CFC princípios ideológicos fundamentais para a intervenção no campo do lazer. Criamos, portanto, um projeto de lazer gratuito e que se concretizaria nas instalações da UFMG e em outros espaços da cidade de Belo Horizonte.

Sendo assim, depois da etapa de pesquisas sobre Colônias de Férias e extensão universitária, fizemos um diagnóstico na UFMG, para estabelecermos qual seria o público do projeto, a quantidade de recursos que precisaríamos e com quais órgãos e entidades poderíamos firmar parcerias.

Posteriormente, o projeto da CFC foi apresentado à Pró-Reitoria de Extensão da UFMG e os princípios norteadores do grupo foram ratificados, tais como: a gratuidade do projeto; a especificação do público alvo participante (filhos de servidores - técnico-administrativos, professores, terceirizados e de estudantes da UFMG); a importância da CFC na formação dos estudantes envolvidos; a interdisciplinaridade como princípio teórico importante para a concretização de um projeto de lazer; os tempos e espaços em

que a CFC aconteceria; a relevância do processo de educação “para e pelo lazer” (MARCELLINO, 2010) dos participantes e, por fim, a divisão do trabalho com Colônias de Férias em três etapas, sendo elas: o planejamento, execução e avaliação.

Antes de abordarmos esses pontos especificamente, vamos apresentar como se constitui a Colônia de Férias, desenvolvida pelo PET. O planejamento da CFC começa cerca de três meses antes da execução. Nesse período articulamos a parte de logística, como transporte, alimentação, espaços e a formação de animadores culturais. Trabalhamos com a perspectiva da Colônia de Férias Temática, na qual um tema norteia as nossas ações (SILVA, 2008), inclusive, na formação dos animadores, promovida pelo grupo. A execução da CFC ocorre durante cinco dias (de segunda a sexta feira), de 8h às 17h, no período de férias escolares, geralmente nos meses de janeiro e julho.

No que diz respeito à organização da CFC, as turmas dos participantes são estabelecidas de acordo com a idade, são elas: Turma 6-7 anos; Turma 8-9 anos; Turma 10-11 anos; Turma 12-13 anos; Turma 14-15 anos; e Turma Adultos. Estas são compostas atualmente por 50 vagas, num total de aproximadamente 250 participantes.

Cada turma conta com um grupo de animadores⁷ que variam entre 3 a 6 de acordo com a demanda da turma. Há também na organização da Colônia a sala interativa, esta é um espaço destinado aos participantes que não querem participar da programação da sua respectiva turma, ou que simplesmente preferem estar neste ambiente.

⁷ Os animadores culturais são fixos, ou seja, será responsável pelo planejamento e execução das atividades de sua respectiva turma.

O Papel e as Características da Formação para Atender as Demandas de seu

Contexto Específico

A formação dos profissionais que atuam no lazer, especificamente nas Colônias de Férias, tem sido uma etapa importante para o planejamento das atividades e para a execução das mesmas, ou seja, para o sucesso na realização da Colônia.

A capacitação dos profissionais muitas vezes apresenta um caráter técnico e de forma rápida, conforme estudos de Malta (1973), sobre organização e execução de Colônias de Férias, que sugere uma alternativa de possibilitar um pequeno curso ou estágio para os candidatos a trabalharem na Colônia com o intuito de atualizar os conhecimentos técnico-pedagógicos e fornecer “todas as informações sobre a Colônia, principalmente sobre as finalidades, particularidades e diretrizes” (p. 36).

Estudos de Isayama (2002) demonstram mudança no foco das formações dos profissionais do lazer, abandonando a perspectiva única e exclusivamente técnica e adotando uma formação voltada para a atuação profissional desenvolvida pela animação sociocultural:

O termo "sociocultural" associado à “animação” remete-nos a pensar que esse profissional busca alicerçar seu trabalho na vontade social e no compromisso político pedagógico de promover mudanças nos planos cultural e social. Uma ação preocupada com essas questões pode contribuir, portanto, com o efetivo exercício de cidadania e com a melhoria da qualidade de vida, buscando a transformação social, para tornar nossa realidade mais justa e humanizada. Representa, assim, uma ação educativa preocupada com a emancipação dos sujeitos (p.109-110).

Este é o papel da formação adotado pela Colônia de Férias no Campus. Uma formação baseada em estudos aprofundados sobre as relações mais amplas que são estabelecidas nas vivências de lazer, buscando desenvolver a ação/reflexão/ação, ponto fundamental para uma prática refletida em constante construção e pesquisa.

Os animadores que participam da CFC são bolsistas do grupo PET- Educação Física e Lazer que vem desenvolvendo estudos aprofundados acerca do lazer e alunos da graduação, dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física, além de outros cursos da UFMG⁸, entendendo o lazer como um campo de atuação interdisciplinar.

Os alunos menos experientes participam do processo junto aos que já conhecem o projeto, auxiliando, assim, a compreensão e o engajamento de todos na CFC. É visível a contribuição dos alunos das áreas fora da Educação Física e o aprendizado é mútuo entre os animadores. A demanda do grupo na maioria das vezes é pautada pela pouca experiência no campo do lazer, portanto, a formação do grupo para a atuação na colônia vem sendo a cada edição um processo importantíssimo e bastante valorizado.

A capacitação na CFC é iniciada três meses antes do período da Colônia com uma reunião semanal de duas horas cada - denominamos essas reuniões de “curso de formação”. Nas reuniões de formação são realizados leituras e debates sobre o lazer, colônia de férias, infância, atuação do animador, bem como, referências sobre o tema a ser abordado.

Estas reuniões acontecem com o intuito de possibilitar um suporte teórico aos alunos da graduação da UFMG que atuarão na colônia. Primeiramente acontece uma reunião de apresentação do projeto Colônia de Férias no Campus, seus objetivos, suas diretrizes e princípios metodológicos e pedagógicos. Nesta reunião é apresentado o tema, já definido pelo grupo PET. Após a apresentação da ementa do tema, convidamos um professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG ou outro convidado, que tenha um conhecimento aprofundado para explorar o

⁸ Já contamos com a participação de estudantes de pedagogia, matemática, artes plásticas, teatro, turismo, ciência da informação e terapia ocupacional.

tema junto ao grupo de animadores. Esta é uma ação que tem contribuído para ampliação das possibilidades de criação das atividades diante do tema. A título de exemplo, o tema “Eu amo minhas férias radicalmente em BH”, foi discutido e refletido com os animadores sobre as diversas possibilidades de lazer em Belo Horizonte e o papel da colônia na ampliação e na apropriação das atividades e dos espaços na cidade.

Ideias vão sendo lançadas nessas reuniões e se tornam essenciais para a compreensão da proposta da CFC. Com o tema “Se essa rua fosse minha”, trabalhamos junto aos monitores as características da infância dos dias de hoje e o papel da colônia na transformação e ampliação das vivências de lazer no espaço das ruas.

Após os encontros iniciais de apresentação do tema e do projeto da CFC são realizadas reuniões de planejamento da programação separadamente em grupos de animadores que atuarão com faixas etárias específicas apresentadas anteriormente.

Nesse momento surgem outras demandas específicas de cada turma de animadores que são atendidas pela busca desses próprios, sendo essa ação liderada pelos mais experientes. Caso um animador dessa equipe não domine determinada prática, eles se veem responsáveis por buscarem esta formação, seja uns com os outros, com pesquisas, praticando e assistindo as práticas com quem já as domina. Este é um importante movimento assumido pelos grupos de animadores, que precisam pesquisar, buscar o crescimento e atualização das suas práticas e habilidades. Isso é alcançado na CFC devido à autonomia que é dada aos grupos, ou seja, a descentralização do planejamento. O animador se responsabilizará pela sua atuação na medida em que for estimulado e formado para criar e reinventar sua prática cotidianamente.

Isayama (2002) reforça a importância de o animador participar efetivamente da sua capacitação ao afirmar que:

É fundamental que o profissional se envolva e participe, de forma crítica e criativa, com diferentes práticas culturais, priorizando a ampliação das suas próprias vivências de lazer, de modo condizente com sua prática profissional. Ele deve tentar, portanto, minimizar as barreiras que pode enfrentar no seu próprio lazer, e diversificar as possibilidades de apropriação desse momento. (p.117).

Após a construção da programação de cada equipe, acontece uma reunião com o coordenador e com os outros grupos de animadores para a apresentação e reflexão sobre as atividades que serão desenvolvidas. Esta é outra parte da formação, uma vez que, são provocados debates e discussões acerca das atividades propostas, podendo todos receberem sugestões na programação elaborada.

O processo de formação dos animadores ocorre também durante a execução da colônia, na medida em que são feitas avaliações ao final de cada dia junto com o grupo de animadores e o coordenador, onde se reforça os pontos principais para o dia seguinte.

Neste momento já começa a ocorrer o processo da ação/reflexão/ação dos animadores socioculturais. Assim, espera-se que o animador sociocultural consiga na sua intervenção cumprir o papel de educador, rompendo a ideia de que a criança é um cliente que está ocupando seu tempo na colônia. E sim, um sujeito que precisa ser despertado para a participação ativa no lazer, a fim de alcançar uma transformação cultural, conseqüentemente uma superação do senso comum no que diz respeito ao lazer, suas formas e possibilidades, buscando, dessa maneira, o lazer democratizado.

A Gestão da Colônia de Férias Temática na Universidade: Sentidos, Significados, Desafios e Possibilidades

Vivemos um momento de amadurecimento do campo dos estudos do lazer que permite o questionamento de uma ação de organização das colônias de férias como resultado da indústria de entretenimento e de um conjunto de práticas funcionalistas. De

acordo com Silva (2008) é possível humanizar as vivências de lazer nas colônias, a partir da mediação e não da reprodução das atividades planejadas. Essa tem sido a tentativa do grupo organizador da CFC, que busca romper com as propostas instrumentalizadas das colônias e avançar no processo de organização de novas práticas educativas.

Procuramos estudar novas estratégias de gestão de Colônia de Férias que buscassem romper com a lógica do mercado e com o viés funcionalista do lazer, o qual se coloca a serviço da reprodução dos hábitos, valores e sentidos necessários à manutenção da ordem social vigente. Entretanto, mesmo com princípios claramente definidos, fomos obrigados a dialogar com essa lógica de mercado, pois percebemos o quanto nossos atores eram influenciados por ela. Todavia, nossa maior intenção nesse diálogo era subverter essa lógica, na medida em que as pessoas envolvidas e outras instituições formadoras fossem conhecendo a nossa proposta. Buscamos, também, responder desde o início da idealização do projeto CFC, as seguintes perguntas propostas por Castellani Filho (2006): 1) Que lazer temos atualmente? 2) Que lazer desejamos? e 3) Que acordo podemos firmar para alcançar a situação desejada?

Diante dessas reflexões e fundamentado nos estudos de Silva (2008), propusemos um trabalho de Colônia de Férias dividido em três momentos: o antes (que integra previsão, planificação, organização e mapeamento dos recursos); o durante (do qual faz parte a direção, o comando e a execução); e o depois (que inclui os processos de controle, avaliação e registro).

Com essa proposta, tínhamos o objetivo de criar uma metodologia que focasse nos tempos e espaços da UFMG, os quais repletos de sentidos e significados próprios, tensões e conflitos específicos desse contexto, dão a CFC uma singularidade na sua

gestão. Fomos confrontados com a possibilidade de superar as barreiras socioculturais para o acesso ao lazer através da criação de uma política de lazer dentro da Universidade.

Na implementação da CFC ficamos atentos a vários quesitos para construção de uma política de projetos de lazer na UFMG, sendo eles:

1) O contexto específico da Universidade para a realização de uma Colônia de Férias: buscamos otimizar a utilização de espaços específicos e não específicos para a prática de lazer nas diversas unidades da UFMG. Estabelecemos uma rede de contatos com os diversos órgãos da UFMG para utilização desses espaços e fomos diagnosticando, aos poucos, como se traduzia o significado político desses espaços naquele contexto e nas relações com os profissionais envolvidos. Somado a isso, pesquisamos, também, como era feito a captação de recursos dentro de uma política universitária.

Fizemos a submissão do projeto da CFC em vários editais internos da UFMG; editais do próprio PET/MEC e de outros órgãos de fomento; para alçarmos rubricas e recursos para a compra de material de consumo, material permanente, pagamento de bolsas e serviços como o de alimentação, transporte, entre outros para a realização da CFC. Firmamos, também, parcerias com órgãos internos da UFMG para a realização da CFC, como a Pró - Reitoria de Extensão e o Centro Esportivo Universitário (CEU).

2) Investigação das barreiras socioculturais existente entre o público alvo participante da CFC: o público escolhido para participar da CFC eram filhos de servidores (técnico-administrativos, professores, terceirizados) e de estudantes da UFMG, com idade entre 6 e 13 anos, a princípio. Depois da 10ª edição da CFC essa faixa etária foi expandida, e passou a contar com participantes de 6 a 15 anos, contando

também com uma turma de adultos⁹. Com a escolha desse público, passamos a receber na CFC participantes de diversas classes econômicas, caracterizando uma ampla diversidade cultural e social.

Na CFC, as diferenças econômicas não estavam impedindo o acesso ao lazer, pelo contrário, estava possibilitando que diferentes públicos tivessem acesso a uma Colônia de Férias gratuita e de qualidade, não como privilégio de uma determinada classe social, mas, como direito. Com essas diferenças econômicas e culturais tivemos um rico espaço de aprendizado para todos os sujeitos envolvidos. Concordamos com Melo (2003, p. 25) quando ele nos diz que “a melhor estratégia de luta não é a de guetificação, isolamento, embora possamos entender que em determinadas vezes estes são os caminhos possíveis”. Em complemento a isso, “cremos que o fundamental é desenvolver uma nova maneira de vivência em sociedade, pautada não na homogeneidade, mas sim na tolerância e no reconhecimento das diferenças” (MELO 2003, p. 26).

3) Democratização de acesso às vagas da CFC e o processo educativo dos participantes: para concretizarmos a democratização de acesso as vagas da CFC entre o público, realizamos o processo de inscrição priorizando participantes das edições anteriores, o que permite a continuidade dessas crianças nas edições da CFC, ou seja, possibilitando um processo de formação continuada. Essa medida é considerada por nós como princípio essencial para a formação dos sujeitos e consolidação do processo de educação para e pelo lazer dos participantes, o qual, de acordo com Marcellino (2010), é fundamental para a problematização e vivência dos conteúdos culturais do lazer.

⁹ A turma de adultos é composta por participantes com mais de 16 anos.

Com a execução da CFC tivemos várias facilidades e dificuldades de criar uma ação de lazer no contexto universitário. Na universidade, sobretudo na Escola de Educação Física da UFMG, existe um ambiente fértil para o trabalho nessa perspectiva. Atualmente, contamos com o apoio de vários grupos que tem trabalhado para garantir a qualidade dos estudos do lazer no Brasil, são eles: o grupo de Orientação Coletiva (Oricolé), o Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR), o grupo Ludicidade, Cultura e Educação (LUCE), Grupo de História do Lazer (HISLA). Além dos grupos de estudos, há também a o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.

Nessa perspectiva, o lazer é uma área que vem sendo cada vez mais valorizada na UFMG, possibilitando que ações de extensão como a CFC encontre espaço para se efetivarem como um ambiente rico para novas discussões na área. Todavia, também encaramos as dificuldades típicas do ranço que envolve o serviço público, onde as ações administrativas são por vezes, morosas e burocráticas, dificultando nossa gestão.

Diante desse quadro, implementamos, a partir da terceira colônia, através de vários estudos acerca de Colônias de Férias, infância e lazer, a proposta de Colônia de Férias Temática. Com o objetivo de valorizar o potencial educativo das Colônias de Férias, queríamos superar a visão de atividades com caráter ocupacional e de entretenimento. Nesse sentido, o tema norteia as ações da CFC.

Entretanto, demarcar a diferença entre Colônia de Férias educativa e práticas escolarizantes, foi um desafio a ser superado por nós a cada edição. Para os animadores culturais envolvidos no projeto era difícil visualizar um momento de divertimento e de prazer que apresentasse, também, possibilidades de descanso e de desenvolvimento pessoal e social.

Para modificar essa realidade, trabalhamos com a ideia de que era necessário “a (re) significação do cotidiano como possibilidade educativa” (SILVA, 2008, p.55), visto que a ideia de formação não se limita exclusivamente ao âmbito escolar. Assim, as Colônias de Férias Temáticas, “como programação promovida no lazer – deve assumir um papel educativo sem se tornar escolarizante, sem perder de vista a questão mais ampla de educação permanente” (SILVA, 2008, p.55).

Até o presente momento (fevereiro de 2018) foram realizadas quinze edições do projeto, sendo as dez últimas temáticas, a saber: 3ª CFC – “Eu amo minhas férias em BH Radicalmente”; 4ª CFC – “Minhas férias em 3D”; 5ª CFC – “Uma viagem em cinco dias”; 6ª CFC – “Se essa rua fosse minha...”; 7ª CFC – “Canal Colônia”; 8ª CFC – “Made in BraSil”; 9ª CFC - “Recordar é Viver”; 10ª CFC – “O CEU não é o limite”; 11ª – “Brincando com a simplicidade”; 12ª – “E aí, qual a diferença?”; 13ª – “Viver é arte, brincar faz parte”; 14ª – “Qual a sua história?”; e 15ª – “Trem que anda, Mundo que Gira”.

Na terceira edição da CFC, que aconteceu em Julho de 2010, o tema denominou-se “Eu amo minhas férias radicalmente em BH” e foi fruto de uma discussão realizada pelos integrantes do PET, na qual foi diagnosticado que em Belo Horizonte existem variados espaços públicos e possibilidades de vivências de lazer, principalmente no período de férias. No entanto, notamos que poucos espaços eram conhecidos pelas crianças e que a apropriação dos mesmos poderia se dar de diferentes formas. Com isso, o objetivo do tema foi explorar os espaços públicos da cidade, estimulando nas crianças a sua apropriação e reapropriação, das brincadeiras e das relações estabelecidas.



Fonte: Foto CFC – Parque da Serra do Curral

Tendo em vista que os temas e conteúdos explorados nas três colônias de férias anteriores buscaram resgatar antigos jogos, brinquedos e brincadeiras, devido ao fato de que a infância e a adolescência têm sofrido fortes impactos socioculturais com o resultado do acelerado processo industrial e tecnológico, o PET enxergou a necessidade de problematizar esse fato, reconhecendo que a sociedade vem se transformando e as novas gerações são frutos dessa transformação. Assim, o grupo debateu sobre a importância da virtualidade como conteúdo cultural do lazer, da reflexão crítica em relação à mesma e sobre a carência de estudos a respeito do processo de formação de animadores culturais e educadores da área.

Sendo assim, a quarta CFC aconteceu em Janeiro de 2011 e teve como tema geral “Minhas férias em 3D”. O objetivo foi proporcionar atividades que dialogassem com o virtual, por meio da reapropriação de brincadeiras, jogos e personagens virtuais,

instigando nas crianças e adolescentes a imaginação e a capacidade de reapropriação das mídias contemporâneas.



Fonte: Foto CFC – Jogo PacMan

Partindo das colônias anteriores e de reflexões a respeito de acontecimentos, atitudes e representações diagnosticadas, o PET chegou ao tema da quinta CFC: “Uma viagem em cinco dias”. De acordo com Marcellino (2010), ao valorizar no lazer as possibilidades de descanso e desenvolvimento social e individual, abrimos oportunidades para resignificar o cotidiano. O tema “Uma Viagem em 5 Dias” teve como objetivo possibilitar um ambiente em que as crianças pudessem vivenciar novas experiências, a partir de viagens em diferentes âmbitos, seja geográfica, física, intelectual, temporal, imaginária ou cultural.

A sexta CFC, realizada em Janeiro de 2012, teve como tema geral “Se essa rua fosse minha”, e seu objetivo foi problematizar e refletir sobre uma infância globalizada muitas vezes vítima da rotina do adulto. Dialogamos com a capacidade da criança de ser criança, problematizando, através do nosso planejamento de atividades, uma infância

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

cada vez mais influenciada pela cobrança de vir-a-ser adulto. Concordando com Debortolli (2002) que não existe uma criança universal e sim crianças com existências plurais e que a ludicidade é a capacidade de brincar com a realidade, o PET propôs uma semana que instigasse as crianças a serem produtoras de cultura e detentoras de desejos e sonhos. Através da exploração do universo dos jogos, das brincadeiras e do faz-de-conta, instigamos, nas crianças participantes, o desejo de inventar, criticar, conhecer e questionar.



Fonte: Foto CFC – Carrinho de Rolimã

Na sétima edição da CFC, em Janeiro de 2013, a temática escolhida foi: “Canal Colônia”, o qual objetivava problematizar a relação das crianças com as mídias. Diante dos inúmeros programas de televisão existentes; dos sites de internet de fácil acesso; das novelas e filmes que influenciam o modo de vestir e de falar das crianças e jovens, a sétima CFC procurou, através da vivência dos variados conteúdos do lazer, trabalhar a

autonomia dos sujeitos em relação às informações que lhes são passadas. Isso foi possível através de atividades que ampliavam as experiências das crianças no que se refere ao contato com essas mídias.

Nessa edição o projeto ampliou a participação para 20 crianças de uma escola da Vila Sumaré, comunidade próxima à UFMG, e 10 vagas para deficientes físicos e intelectuais da Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência, de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade – APABB. O grupo PET buscou abranger a participação dessas crianças, pois acreditamos que o encontro dos diferentes pode possibilitar o desenvolvimento do respeito e reconhecimento da diversidade. O encontro no lazer entre um filho de professor da UFMG, com uma criança da Vila Sumaré e uma criança deficiente, se constituiu um momento importante na busca do desenvolvimento de valores e comportamentos mais humanos.

Já na oitava edição da CFC, tivemos como tema norteador a expressão “Made in BraSil”. Visamos problematizar a riqueza da cultura brasileira (na amplitude do termo), acreditando que através de nossa intervenção podemos contribuir para que as crianças participantes vivenciem e, portanto, conheçam sua cultura, sua identidade e sua origem. Com isso, a modificação do termo, colocando Brasil com S, expressa a essencialidade do objetivo do nosso tema.

Para, além disso, nessa mesma edição, contamos com uma ampliação no número de vagas, no qual passou de 170 crianças para um total de 250 participantes. Esse aumento, só foi possível, devido à contemplação em um edital que o grupo PET participou no início do ano. Com isso, houve o aumento no número de participantes dos três diferentes públicos, como também, no número de animadores atuantes no processo. Todo esse crescimento do projeto, só foi possível, devido uma gestão que procurou

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

manter todas as condições proporcionadas nos objetivos iniciantes da CFC. Com isso, tivemos que contatar diversos setores para termos apoio nesse momento.

Na nona edição tivemos como tema “Recordar é Viver”. Ao pensarmos na palavra recordar, lembramos daquilo que realmente nos marcou em diversas instâncias. Seja recordar um momento na vida cotidiana, momentos antigos, algo que foi bom ou também ruim. Mas saber recordar é poder sentir saudade de algo que nos tocou de forma singular. Pensando nesse sentido, Bondía (2002) nos traz colocações sobre o que realmente nos toca. Para ele o ser humano vive diversas experiências, mas somente aquilo que faz sentido, que nos passa e que realmente vivenciamos é que serão lembradas. Dessa maneira, nessa edição recordarmos e vivenciamos as experiências que tocaram as crianças do projeto de alguma maneira, a fim de ampliar e possibilitar o acesso ao lazer de forma crítica e construtiva.



Fonte: Foto CFC – Skibunda

Para além de recordar as experiências na CFC, buscamos também, os animadores que estiveram no projeto durante várias edições no intuito de recordar os momentos que esses tiveram com várias crianças ao decorrer do projeto, como também, de dialogar com as experiências de diversos processos de formação que eles participaram na Colônia. Além disso, como ressaltado no texto, priorizamos o processo de continuidade na CFC, e com isso, temos várias crianças que estão no projeto há mais de seis edições, o que contribuiu para findar o objetivo proposto nessa edição.

A Colônia de Férias em sua 10ª edição, que aconteceu em janeiro de 2015, já era um projeto popular na Universidade (UFMG). Nesta edição houve algumas mudanças. A primeira na qual a Colônia de Férias no Campus passou a contar com o apoio financeiro do Centro Esportivo Universitário (CEU), sendo renomeada para CFCEU. Por conta deste financiamento pôde-se aumentar o número de vagas para os participantes, que até então contava com um público com idades entre 6 a 13 anos. A segunda mudança ocorrida foi a ampliação da faixa etária recebida, criando a turma 14-15 anos e a turma de Adultos.

O tema dessa edição foi pensado a partir das mudanças que estavam acontecendo, com o título sugestivo “O CEU não é o limite”, fez-se um trocadilho com a palavra “CEU”, referindo-se também ao Centro Esportivo Universitário. Ao pensarmos o tema “O CEU não é o limite” fomos provocados por questões referentes à reapropriação do CEU enquanto equipamento de lazer direcionado preponderantemente para práticas físico-esportivas. Dessa forma, buscamos transpor os limites das atividades ali existentes propondo aos sujeitos envolvidos um novo olhar acerca das infinitas possibilidades de se criar e recriar “o corpo, a imaginação, o raciocínio, a

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

habilidade manual, o contato com outros costumes e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quisessem” (MARCELLINO, 2000, p. 19).



Fonte: Foto CFC – Turma Adultos

Na 11ª edição da CFCEU, o tema foi “Brincando com a Simplicidade”, este teve como objetivo trazer à tona a reflexão sobre a lógica que atualmente rege a nossa sociedade - de produção e consumo. E propiciar uma brecha nas complexificações da vida cotidiana para simplificar o corpo e a mente, para brincar, transformar, criar, recriar, inventar a cidade pela ótica da simplicidade.

Em sua 12ª edição a CFCEU, com o tema “E aí, qual a diferença?”, convidamos aos participantes a estranhar e nos distanciar do que temos como estabelecido em um *ethos* que é construído e se construído a partir da cultura, pode ser (re)significado e questionado. Tentamos propiciar a oportunidade de enxergar através de outro ponto de vista, sabendo que “todo ponto de vista é a vista de um ponto”¹⁰.

¹⁰ Leonardo Boff

Na 13ª edição, de tema “Viver é arte, brincar faz parte”, a partir da frase do escritor irlandês Oscar Wilde “a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida”, foi proposto que, na CFCEU as relações (pessoais, temporais, etc.) fossem simplificadas e que os participantes se permitissem mais, fazendo um convite a brincar com a arte da vida.

A 14ª edição contou com o tema “Qual a sua história?”. Seu objetivo foi buscar conhecer as histórias que permeiam a CFC. Sendo assim, buscou-se valorizar, resgatar e compreender qual a história que os participantes da colônia estão construindo na sociedade atual. Como é a minha história e a do próximo? Possuímos os mesmos caminhos na construção dessa história? No que se complementam? Consideramos que tais questões foram importantes serem destacadas, uma vez que, na sociedade atual, a rotina, as diversas tarefas do dia, nos afasta cada vez mais do contato e do conhecer o outro.



Fonte: Foto CFC – Participação APABB

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

E por fim a última edição (15ª) teve o tema “Trem que anda, Mundo que Gira”. Buscando conhecer um pouco mais sobre a cultura de Minas Gerais e seus aspectos peculiares, o tema convidou aos participantes a se aproximarem nosso estado. Sendo assim, histórias, danças típicas, brincadeiras, lugares turísticos e não turísticos foram os pontos centrais para nortear nossa programação “mineira”.



Fonte: Foto CFC – Todas as turmas

O caso da Turma de Adultos na CFC

A ideia da criação de uma turma de adultos na CFC surgiu a partir da demanda apresentada pelos responsáveis dos participantes. Os pais/responsáveis das crianças que estavam na colônia de férias solicitavam a ampliação da faixa-etária atendida para que seus filhos pudessem continuar participando de mais edições, uma vez que, relatavam que a presença deles no projeto era importante para a sua formação. Paralelo a isso, diversos responsáveis comentavam, na entrada ou saída da semana da colônia, que eles desejavam uma turma para adultos com o intuito de se divertir, brincar e conhecer

outros espaços da cidade, pois o relato de seus filhos após a CFC os deixavam bastante curiosos para experimentarem também essa experiência.

Com o apoio financeiro do CEU (Centro Esportivo Universitário), o grupo PET pôde ampliar o número de vagas. Com isso, apostamos também, na experiência de uma turma especificamente de adultos. Uma ideia um tanto quanto ousada, e por ser inédita, era cercada de expectativas e incerteza quanto ao sucesso. Felizmente deu certo, pois a cada edição o número de participantes aumenta e os relatos sobre a participação são positivos.

A ideia inicial do grupo, quanto à turma de adultos, era que haveria duas turmas, uma no período da manhã e outra no período da tarde. Entretanto, quando se encerrou o período de inscrições da 10ª CFCEU e o balaço¹¹ dos inscritos foi realizado, percebeu-se que só houve demanda para um turno, sendo assim, inicialmente a turma de adultos se configurou então somente no turno da manhã.

A primeira turma de adultos se formou na edição de janeiro de 2015. A Colônia de Férias encontrava-se em sua 10ª edição, e o tema era “O Céu não é o limite”. A partir dessa temática central, foi elaborado o subtema “No Limite”, e a proposta dos animadores era remeter as variadas manifestações culturais em forma de lazer, e vivenciar práticas virtuais e pessoais, extrapolando a apropriação que se faz por diferentes culturas.

A segunda edição da Colônia de Férias contando com a turma de adultos, aconteceu em julho de 2015 na 11ª CFCEU. E, como na primeira edição, a turma se configurou apenas no período da manhã. O tema da 11ª CFCEU foi “Brincando com a Simplicidade”, esse tinha a pretensão de provocar a busca da simplicidade nas

¹¹ O balaço de inscritos é o momento do processo de construção da colônia de férias, onde os integrantes do PET conferem cada ficha de inscrição, certificando-se de que os dados estão corretos, o número de colonos inscritos por turma e o número total de inscritos.

atividades de lazer nas suas formas mais amplas. A partir desse tema, foi proposto o subtema “No espelho da memória” que objetivava buscar, além da simplicidade nas atividades, experiências sensíveis, a partir de uma viagem no tempo nas diferentes fases da vida (infância, adolescência, juventude, adulto e futuro). O intuito foi gerar na memória dos adultos uma busca pelas lembranças que remetem a simplicidade e as experiências que marcaram suas trajetórias, utilizando-se dos conteúdos do lazer (MARCELLINO, 1996) para permear as atividades, buscando assim trazer a diversidade e ampliação do universo cultural dos participantes.

Em sua 12ª edição a CFCEU que apresentava o tema “E aí, qual a diferença?”, buscou-se a partir do lazer, instigar a reflexão sobre questões de diversidades e diferenças. A turma de adultos teve como subtema “Por esses Brasis”, e a partir dos interesses culturais do lazer (MARCELLINO, 1996), buscou-se explorar e descobrir as diferentes culturas regionais brasileiras, em aspectos como a gastronomia, danças, músicas, vocabulários e etc. A proposta foi fazer uma “viagem” ao Brasil e em cada dia “estar” em uma região. A partir dessa edição a turma de adultos passou acontecer no período integral da colônia (manhã e tarde).

Em sua 13ª edição da CFCEU, com o tema “Viver é arte, brincar faz parte”, foi proposto à turma de adultos, atividades ligadas a cultura popular, com oficinas de maracatu, contação de histórias, além de outras atividades culturais.

Na 14ª edição a turma contou com o subtema “Estações da vida”. Foi abordada as quatro estações do ano, as brincadeiras de cada estação, as diferentes fases da vida e as práticas de lazer presentes em cada um desses aspectos.

E por fim, na 15ª edição a turma teve o subtema “Sou do Mundo, Sou Minas Gerais”. O objetivo era fazer uma relação com a música mineira da banda Clube da

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

Esquina, que busca valorizar a partir de sua letra o nosso estado Minas Gerais. Com isso, destacamos nossa cultura, nossas essências e o reconhecimento do valor da riqueza da nossa cultura.



Fonte: Foto CFC – Turma Adultos

A turma de adultos da CFCEU, tem se mostrado uma experiência muito rica, tanto para os animadores culturais em sua formação profissional, quanto para os participantes, ampliando a ideia do senso comum que relaciona o lazer e o brincar apenas à infância. O brincar, o prazer a diversão também permeia o lazer do público adulto. Proporcionar uma experiência de colônia de férias para esse público se torna desafiador, pois é um momento no qual temos que diferenciar o planejamento e execução de atividades sem infantilizar os adultos, mas também, de proporcionar um momento de lazer de desenvolvimento crítico e pessoal aos participantes. A cada edição o público participante aumenta ainda mais e diversos vínculos e amizades foram feitas nesse momento a partir da proposta de continuidade de participação na CFC.

A importância da avaliação de um Projeto Social

De acordo com Cavalcanti (2008):

A avaliação, de um modo geral, tem sido definida como instrumento imprescindível para o conhecimento da viabilidade de programas e projetos, para o redirecionamento de seus objetivos, quando necessário, ou mesmo para a reformulação de suas propostas e atividades (p.02).

Para uma gestão de projetos qualificada, é necessário termos um processo de avaliação constante para um monitoramento do que estamos planejando e o que realmente estamos executando.

Em relação a CFC, ao final de cada edição, um questionário é enviado aos pais/responsáveis para que seja realizada uma análise do trabalho desenvolvido na colônia. São realizadas perguntas em relação à divulgação, processo de inscrição, programação, passeios, materiais, logística, refeições, transporte, reuniões, atuação dos monitores, entre outros. Esses questionários são entregues aos participantes (no caso da turma de adultos) e aos pais/responsáveis (no caso das crianças) no último dia da execução do projeto. Além disso, ao entregarmos o questionário (no caso das crianças) recomendamos que ele seja respondido pelo responsável acompanhado da criança, isso devido ao fato de que é a criança quem vivencia todo o processo da colônia, sendo ela a melhor indicada a dar um feedback sobre a CFC. Esse processo nos proporciona um diagnóstico sobre a execução, bem como, possíveis melhoras no processo de organização do projeto.

Há também, reuniões de avaliação ao final de cada dia com os animadores culturais, onde são discutidos os acontecimentos, os conflitos, os problemas, entre outras questões necessárias que ocorreram durante a semana da CFC. Após a execução da Colônia é realizada uma avaliação final com todos os animadores culturais a fim de discutir e contribuir para a melhoria da próxima edição.

No decorrer da CFC, realizamos uma avaliação diária com as crianças sobre as atividades e o que foi proposto no dia. É a partir disso, que temos um direcionamento sobre como a programação está sendo ou não eficaz e de possíveis discussões para elaboração de futuros temas.

Contamos, também, com uma reunião com os colaboradores do projeto, para avaliarmos e discutirmos possíveis mudanças para outras edições, bem como, pontos positivos e negativos que aconteceram durante a CFC.

Dessa maneira, percebemos que a avaliação é um importante ponto na gestão de projetos “uma vez que fornece informações e subsídios para tomada de decisão dos gestores, pois possibilita conhecer o que estão acontecendo e atuar sobre os fatos de forma a realizar ajustes necessários” (CAVALCANTI, 2008, p.02).

Desdobramentos e Perspectivas de Ações a partir da Experiência de CFT na Universidade

Com a proposta da educação para e pelo lazer para as crianças participantes na CFC e a possibilidade de uma formação mais contextualizada aos estudantes da graduação, este projeto conquistou um espaço político na Universidade com apoio da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX. Houve um reconhecimento da importância do diálogo entre a Universidade e as demandas da sociedade. É claro que ainda é uma parte pequena do público que pode participar do projeto, mas já é um começo para significativos desafios, na busca do desenvolvimento de um lazer mais democrático.

O desafio foi grande na ampliação do público com os participantes da APABB e da Vila Sumaré, principalmente na articulação com essas instituições que apresentaram uma dificuldade na compreensão do que era o projeto da CFC. Isso foi verificado, pois

ocorreram muitas ausências sem justificativas no meio da semana, algo não constatado até então com os outros participantes. Essa variação na frequência das crianças é um ponto importante a ser analisado, pois há uma lista de espera para participação na Colônia e a ausência em alguns dias prejudica o trabalho que possui uma programação encadeada em um tema, sendo os dias todos relacionados.

Ainda temos a parceria com a APABB, e nas últimas edições, houve uma maior participação desse público na turma de adultos, uma vez que, a maioria é dessa faixa etária. A receptividade e a inclusão nessa turma aconteceu com maior efetividade. Os participantes acolhem, ajudam e incluem os usuários da instituição durante as atividades, passeios e momentos da rotina diária. Nas demais turmas, também há deficientes da APABB, entretanto, percebemos que o desafio da inclusão é ainda maior, devido à diferença de idade entre os participantes, da compreensão da deficiência intelectual e entre outros fatores. Para além dos deficientes da APABB, a CFC também, recebe inscrições de deficientes do público alvo do projeto.

Sendo assim, essa iniciativa foi o primeiro passo para a conquista do ideal de lazer democrático e espera-se que nas próximas edições, a CFC possa contar com uma participação efetiva e ainda maior desses e de outros grupos.

Outra experiência que tem acontecido nas últimas edições é o diálogo com um novo projeto de extensão criado pelo PET – Educação Física e Lazer denominado “Tô de boa, tô no Campus”¹². Seu objetivo é proporcionar atividades de lazer nos finais de semana em espaços da UFMG para toda comunidade acadêmica. Sendo assim, é um momento de ser divertir e de se apropriar dos espaços da Universidade. Visto isso, no último dia da Colônia de Férias tem sido organizado, na parte da tarde, um momento

¹² Para conhecer mais acesse: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/037736.shtml>

que integra todas as turmas e também os responsáveis dos participantes do projeto. Essa atividade é composta por várias oficinas nos diferentes espaços do prédio da Escola Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional com uma estrutura similar ao do projeto “Tô de boa, tô no Campus”. Esse é mais um desafio do grupo que busca proporcionar a democratização do lazer na comunidade.

Além da ampliação do público da colônia, a CFC tem buscado cumprir seu papel na formação de profissionais no campo do lazer. Tem sido um tempo-espaço de formação para alunos da graduação em Educação Física e outros cursos, em que não se busca a exploração de mão de obra barata, como acontecem muitas vezes no mercado de trabalho, mas antes de tudo, uma formação de qualidade. A mesma busca avançar ainda mais nos princípios essenciais apontados por Melo e Alves (2012), na formação dos animadores: a presença da discussão teórica do lazer e da cultura em suas diferentes dimensões, a discussão das diferentes linguagens em um programa de animação cultural e o estímulo à formação cultural dos alunos.

Este último é ainda o maior desafio do grupo PET na medida em que se percebe que o profissional que atua no lazer tem o papel de educador de sensibilidades, e o grupo de universitários tem apresentado uma formação cultural restrita. Este é também o papel da Universidade: apresentar e possibilitar a ampliação da vivência cultural dos estudantes. Esse ponto da formação vai além dos meses anteriores de planejamento da colônia, é algo que deve caminhar durante todo o percurso daqueles que pretendem trabalhar com o lazer. Neste sentido a colônia, assume a função de incentivadora, mas também, aquela que proporciona essa ampliação do plano cultural. Percebe-se que o trabalho coletivo de elaboração da programação e execução da colônia tem sido um rico

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

espaço de aprendizado e experiências culturais, mas ainda enfrentamos o desafio de contribuir cada vez mais nesse sentido.

A CFC também tem proporcionado a vários estudantes iniciarem pesquisas na área do lazer, especialmente, nos estudos sobre colônias de férias. Esse é o fruto de um projeto consolidado nos pilares da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Espera-se que novos projetos de pesquisa e extensão sejam construídos a partir da intervenção na CFC.

Conforme dito nas páginas iniciais do texto, buscamos o debate e a reflexão sobre a Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias Temáticas e os vários pontos que envolvem essa temática, como a formação para atuação, a gestão e o desenvolvimento de uma colônia de férias no contexto específico da Universidade e os possíveis desdobramentos e perspectivas dessa experiência.

Afirmamos também, o quanto tem sido positivo para os atores envolvidos nesse projeto de extensão e convidamos aos leitores a darem eco a esse debate, ampliando a possibilidade do desenvolvimento de outras experiências interessantes de gestão e desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, São Carlos, n.19, 2002. Disponível em: https://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf. Acesso em: 22 set. 2017.

CASTELLANI FILHO, Lino. Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira, LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Gestão municipal e política de lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CAVALCANTI, Mônica Maria de Arruda. Avaliação de Políticas Públicas e Programas Governamentais – Uma Abordagem Conceitual. Caruaru - PE. 2008. Disponível em: <https://www.socialiris.org/antigo/imagem/boletim/arq48975df171def.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, Alysson; SALLES Fátima; GUIMARÃES Marília. (Orgs.). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex UFMG, 2002. p. 72-88.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Recreação e lazer como integrantes dos currículos dos cursos de graduação em educação física**. 2002. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, 2002.

MALTA.W. **Colônia de Férias: organização e execução**. Rio de Janeiro: Editora Artenova s.a, 1973.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 2010.

_____. **Estudos do lazer**. Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2. ed., ampl., 2000.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JR. Edmundo de Drummond Alves. **Introdução ao Lazer**. 2. ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 2012.

_____. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: Editora IBRASA, 2003.

SILVA, Débora Alice Machado. **Colônia de Férias Temática: fundamentando a ação a partir das contribuições de Paulo Freire**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008.

Endereço dos Autores:

Silvio Ricardo da Silva
EEFFTO/UFMG
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-901
Endereço Eletrônico: prof.srs@gmail.com

Natascha Stephanie Nunes Abade
EEFFTO/UFMG
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-901
Endereço Eletrônico: natascha_abade@yahoo.com.br

Joyce Nancy da Silva Corrêa
EEFFTO/UFMG
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-901
Endereço Eletrônico: joycedga@hotmail.com

Silvio Ricardo da Silva, Gestão e Desenvolvimento de Programas de Colônias de Férias...
Natascha Stephanie N. Abade, Joyce Nancy da S. Corrêa,
Ranucy Marçal das Cruz, Poliana Ribeiro Bretas e
Luciano Pereira da Silva

Ranucy Marçal da Cruz
EEFFTO/UFMG
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-901
Endereço Eletrônico: ranucyedfisica@yahoo.com.br

Poliana Ribeiro Bretas
EEFFTO/UFMG
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-901
Endereço Eletrônico: polianabretas@hotmail.com

Luciano Pereira da Silva
EEFFTO/UFMG
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-901
Endereço Eletrônico: lpereira45@hotmail.com